

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MOÇAMBIQUE
Faculdade de Educação e Comunicação

O acompanhamento dos pais e encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência auditiva: estudo de caso numa das escolas Primário do distrito de Rapale.

Estudante: Lorito Rafael Esteves
Curso: Licenciatura em Psicopedagogia

Nampula, Janeiro de 2023

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MOÇAMBIQUE

Faculdade de Educação e Comunicação

O acompanhamento dos pais e encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência auditiva: estudo de caso numa das escolas Primário de Rapale.

Monografia submetida à Faculdade de Educação e Comunicação da Universidade Católica de Moçambique como requisito para obtenção de graus de Licenciado em Ciências de Educação – especialização em Psicopedagogia.

Estudante: Lorito Rafael Esteves

Supervisor: Tomas Alfredo, MA

Índice

Agradecimentos.....	6
Dedicatória	7
Lista de abreviaturas	8
Resumo.....	10
Contextualização	11
Problematização	11
Objectivo geral	12
Objectivos específicos.....	12
Questões de investigação	12
Justificativa	13
1.1. O processo de ensino e aprendizagem.....	15
1.2. Deficiência	16
1.6. Diferença de deficiência auditiva e surdez.....	17
1.7. Tipo de Deficiência Auditiva	17
1.8. Classificação da Deficiência Auditiva	18
Quadro nº1: Classificação da Deficiência Auditiva	18
1.9. O papel dos professores face aos alunos com a deficiência auditiva	19
1.10. Estratégias de inclusão de alunos com deficientes auditivas no processo de.....	20
1.11. Relação família e escola.....	22
1.12. Participação da família no processo de ensino-aprendizagem	23
CAPITULO II - METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	25
2.1. Método de Pesquisa.....	25
2.2. Classificação da pesquisa.....	25
2.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	28
2.4.1. Entrevista.....	28
2.4.2. Entrevista semiestruturada	28
2.5. Técnica de apresentação e análise dos dados	28
2.6. Considerações Éticas.....	29
CAPITULO III. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
3.1. Estratégias de escolarização dos alunos com deficiências auditivas.....	31
3.2. Actividades dos pais e encarregados de educação no acompanhamento da	33

3.3. Mecanismos adaptados pelos professores/direcção para incentivar os	35
3.4. Discussão de resultados.....	36
Referências bibliográficas	40
Apêndices.....	43
Guião de Entrevista para Director de Escola	43

Declaração de honra

Eu Lorito Rafael Esteves, declaro por minha honra que este trabalho é o resultado da minha investigação pessoal por meio das orientações do meu supervisor, feito com base nas exigências em vigor na Universidade Católica de Moçambique - Faculdade de Educação e Comunicação. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão mencionadas no texto e nas respectivas Referências Bibliográficas. Declaro também que este trabalho nunca foi apresentado em nenhuma Instituição para obtenção de qualquer Grau Académico.

Nampula, Janeiro de 2023

(Lorito Rafael Esteves)

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradecer ao autor da existência, o nosso Deus todo-poderoso, Aquele que permite que todas as coisas se concretizem, por ter me concedido saúde, sabedoria e força para enfrentar e superar as dificuldades com firmeza. Os meus agradecimentos são extensivos para os meus pais Rafael Esteves Sentinela e Rosalina Fulano por não desistirem de mim durante a minha formação, por terem acreditado no meu potencial psicológico e por terem me incentivado emocional e economicamente para continuar com os meus estudos. Agradeço também ao meu prezado supervisor MA. Tomas Alfredo pelo suporte e sua incansável orientação durante a realização deste estudo, a Universidade Católica de Moçambique e seu corpo docente que proporcionaram um ensino privado de qualidade, cujo retorno prático se traduziu no presente trabalho do fim do curso.

Agradecer a todos colegas que juntos batalhamos durante os 4 anos partilhando as dificuldades, vitória, alegria e tristeza, muito obrigado turma.

Dedicatória

Dedico este trabalho especialmente ao meu filho Rafael Lorito Rafael Esteves e aos meus queridos pais pelo constante apoio e compreensão.

Lista de abreviaturas

DA – Director de Escola

DAE – Director Adjunto Pedagógico

EPC – Escola Primária Completa

L1 – Língua Materna

LM – Língua Materna

P1 – Professor um

P2 – Professor dois

PEA – Processo de Ensino Aprendizagem

PEE1 – Encarregado de Educação

Lista de tabelas

Tabela 1 – Participantes da pesquisa

Tabela 2 – Objectivos e dimensões de análise

Tabela 3 – Categorização das entrevistas e respostas

Resumo

O presente trabalho tem como tema **o acompanhamento dos pais e encarregados de educação no PEA de alunos com deficiência auditiva: estudo de caso numa das escolas Primária do distrito de Rapale**, tem como objectivos geral compreender o acompanhamento dos pais e encarregados de educação no PEA de alunos com deficiências auditivas e específicos, identificar as estratégias da escolarização dos alunos com deficiências auditivas; descrever as actividades dos pais e encarregados de educação no acompanhamento da escolarização dos seus educandos; e apresentar os mecanismos adaptados pelos professores para incentivar os encarregados de educação no acompanhamento do PEA. E a nível metodológico usou-se uma abordagem qualitativa e seleccionou-se um total de (6) seis participantes. Os dados foram colectados por meio da entrevista semiestruturada e por meio destes dados percebemos que as estratégias usadas pelos professores daquela escola para a escolarização dos alunos com deficiências auditivas são: alternância de código, uso da língua materna como recurso de ensino, deixar o aluno sentado afrente. As actividades que os pais e encarregados de educação fazem no acompanhamento da escolarização dos seus educandos são matricular o aluno/educando, controlar onde o aluno escreveu depois de voltar da escola; ajudar a fazer o TPC; participar nas reuniões da escola; comprar material. Os mecanismos adaptados pelos professores para incentivar os encarregados de educação no acompanhamento do PEA são distribuir responsabilidades para alguns pais como controladores dos outros pais, incentivar outros encarregados a participarem as reuniões trimestrais ou mensais, marcação de reuniões por turmas para avaliar o PEA.

Palavras-chave: Acompanhamento, processo de ensino e aprendizagem e Deficiência auditiva

INTRODUÇÃO

Contextualização

Sabe-se que a responsabilidade de educar não é apenas da escola, é de toda a sociedade, a começar pela família (Chalita 2011), dessa forma constata-se que a participação da família na escola é de fato importante para o desenvolvimento educacional, social e emocional da criança.

O direito a educação é um direito humano fundamental, que não pode ser subtraído de ninguém, ainda que tenha significativas limitações e que as crianças com deficiências auditivas apresentam certas limitações no processo de ensino aprendizagem, surge a necessidade de um envolvimento e acompanhamento directo dos encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem para que estas dificuldades sejam ultrapassadas e a criança com deficiência auditiva seja integrada em escolas de ensino regular.

De acordo com muitos estudos realizados sobre o acompanhamento de encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência auditiva mostram que muitos pais não fazem este acompanhamento, deixando esta responsabilidade a própria criança e escola.

Com base nesta falta de acompanhamento dos encarregados de educação no PEA, surgiu a necessidade de fazer o presente estudo que tem como tema **acompanhamento dos pais e encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência auditiva: estudo de caso na Escola Primário Completa de Nihomakala**.

Problematização

O acompanhamento dos pais e encarregados de educação aos seus educandos no processo de ensino e aprendizagem facilita a melhoria dos resultados/aproveitamento pedagógico e minimiza a desistência dos alunos do ensino primário. Esta ideia é defendida também pelo Lock (2016) ao afirmar que é importante que a família procure sempre a escola de maneira a ajudar nas tarefas educativas, já que a escola e a família são dois agentes fundamentais e com o mesmo objectivo, que é de facilitar o processo de ensino aprendizagem da criança.

De entre várias crianças que fazem o ensino primário nas escolas moçambicanas em particular, as com deficiências auditivas, não são dadas um acompanhamento no processo de ensino e aprendizagem com seus encarregados de educação nos seus primeiros anos de escolarização. Deste modo, o ensino primário destas crianças torna-se um defeituoso por falta de um

acompanhamento pedagógico por parte dos encarregados de educação. Sabe-se que, as crianças com deficiências auditivas passam enormes dificuldades durante o PEA por que a maioria das escolas moçambicanas não estão preparadas para lidar com esses aluno, por isso que o encarregado de educação deve fazer um acompanhamento directo para ajudar a escola a descobrir as deficiências que o seu educando tem e a ter soluções de como ultrapassa-los.

Dai que, Marques, (2001, cit. em Salgado 2018) enfatiza que o envolvimento direito dos pais é importante no processo de ensino e aprendizagem dos alunos por que permite que os pais prestem atenção e ajuda aos seus filhos na realização dos TPC, no ensino de algumas matérias, na fixação de rotinas de estudo, hábitos de trabalho, atitudes favoráveis à aprendizagem e a criação de um ambiente favorável ao estudo e à curiosidade intelectual.

Diante desta situação houve a necessidade de abordar de uma maneira aprofundada este tema, dai que nos remete a formulação da seguinte pergunta de partida: **qual é o papel dos pais e encarregados de educação no acompanhamento do processo de ensino aprendizagem de alunos com deficiência auditiva?**

Objectivo geral

- ✓ Compreender o acompanhamento dos pais e encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiências auditivos.

Objectivos específicos

- ✓ Identificar as estratégias da escolarização dos alunos com deficiências auditivas;
- ✓ Descrever as actividades dos pais e encarregados de educação no acompanhamento da escolarização dos seus educandos;
- ✓ Apresentar os mecanismos adaptados pelos professores para incentivar os encarregados de educação no acompanhamento do PEA.

Questões de investigação

- ✓ Quais são as estratégias usadas para a escolarização dos alunos com deficiências auditivos;
- ✓ Quais são as actividades exercidas pelos pais e encarregados no acompanhamento da escolarização dos seus educandos?

- ✓ Quais são os mecanismos adaptados pelos professores para incentivar os encarregados de educação no acompanhamento do PEA?

Justificativa

A escolha deste tema prende-se ao facto do autor ser um estudante que está terminando o seu nível de licenciatura e durante os seu percurso académico nas suas pesquisas, tem se deparado com diversos casos de alunos de deficiências auditivas cujo os pais não deram e não dão um acompanhamento durante os seus primeiros anos de escolaridade no nível básico do ensino primário. Com este estudo, consideramos ser muito pertinente na medida em que vai conscientizar a sociedade no que diz respeito a responsabilidade dos pais e encarregados de educação no acompanhamento da escolarização dos seus educandos.

Com ela buscamos trazer esclarecimentos sobre a importância dos pais e encarregados de educação no acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiências auditivas. Assim, compreendemos que a contribuição dos pais e encarregados de educação nesse processo é indispensável porque eles são os agentes convivem mais tempo com seus educandos sendo assim, eles sempre devem estar presentes controlando passo a passo a escolarização dos seus educandos, apoiando e motivando para que haja melhoria na escolarização dos mesmos.

Portanto, leva o autor mergulhar nos horizontes dos conhecimentos que o tema nos aborda, para nos levar compreender melhor sobre a relevância do acompanhamento dos pais e encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência auditiva, esta, que irá contribuir e melhorar o processo de ensino e aprendizagem no contexto académico, social e científico.

No contexto científico, estaremos a contribuir para o Desenvolvimento do PEA em Moçambique, rumo a uma educação inovadora, lutando para o sucesso escolar dos alunos com deficiências auditivas.

No nível Académico contribui para melhorar a comunicação entre os profissionais de educação e os pais e encarregados de educação visando promover o sucesso escolar dos seus educandos e contribuir no desenvolvimento académico.

Ao nível social, estaremos contribuindo com o aumento do compromisso social e comunitário na relação da Sociedade com a comunidade Escolar visando trazer à harmonia e colaboração em ambas as partes, e fazer compreender sobre a importância dos pais no acompanhamento da escolarização dos educandos com problemas auditivos.

CAPITULO I - MARCO TEORICO

No presente capítulo procurou-se abordar alguns temas tais como: o processo de ensino aprendizagem, conceito de deficiências auditivas, características de crianças com deficiências

auditivas, diferença de deficiência auditiva e surdez, tipo de deficiência auditiva, classificação da deficiência auditiva, o papel dos profissionais junto as famílias sobre deficiências auditivas, estratégias de inclusão de alunos com deficientes auditivas no processo de ensino e aprendizagem, relação família e escola e participação da família no processo de ensino-aprendizagem. Apoiar-nos-emos a vários autores que desenvolveram um estudo sobre os temas para o desenvolvermos do nosso quadro teórico.

1.1.O processo de ensino e aprendizagem

Neste subtítulo, apresenta-se sobre o processo de ensino e aprendizagem no seu sentido geral. Para melhor percebermos o que seja o processo de ensino e aprendizagem achamos melhor primeiro trazer o conceito de ensino e de aprendizagem.

Segundo Libânio (1994), o ensino deve ser visto como sendo uma relação onde o professor põe em prática o objectivo, conteúdo e método de forma a obter a aprendizagem por parte do aluno como resultado, neste caso, concebendo os métodos e técnicas de ensino em sala de aula o objectivo do professor deve ser fazer com que os alunos presentes na aula saiam com o conteúdo assimilado.

Assim, com base no autor acima citado, podemos dizer que o ensino é uma sequência de tarefas de um professor assim com dos alunos com o objectivo de se assimilar o conhecimento e desenvolvimento de habilidades e competências através das quais, os alunos aprimoram capacidades cognitivas como: pensamento, observação, análise, síntese, entre outras capacidades.

Por sua vez, Rodrigues (2013), afirmar que um processo de ensino deve ter como ponto de partida a experiência, o nível de conhecimento que o profissional possui para lhe proporcionar uma transmissão progressiva das capacidades cognitivas como um profissional tendo em conta o momento de transmissão e assimilação activa, tanto do conhecimento quanto de habilidades. E é nessa ordem de ideias que Tunes et al. (2005), acham que o ensino consiste basicamente no diálogo saudável entre o professor e o aluno.

No que diz respeito a aprendizagem, Pinto (2003), conceitua a aprendizagem como uma capacidade que se põe em prática todos os dias para responder a solicitações e desafios que a vida coloca aos seres humanos devido as suas interacções com o meio, ela não constitui um

exercício estático e nem fácil, portanto, nesse exercício importa observar que não se aprende uma só coisa de cada vez, mas, várias.

Por sua vez Celidonio (1998), enfatiza a aprendizagem como sendo “um processo em que a personalidade da criança possa se desenvolver autonomamente e não como um reflexo de um certo modelo de indivíduo que a família ou a sociedade julgam ideal” (p.64).

Assim, podemos perceber que existe uma relação recíproca entre o ensino e aprendizagem, e segundo Libânio (1994), “a relação entre ensino e aprendizagem não é mecânica, não é uma simples transmissão do professor que ensina para um aluno que aprende.” (p. 90). Dessa forma podemos perceber que o ensino visa estimular, dirigir, incentivar, impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, o objectivo do processo de ensino e aprendizado é a formação do aluno, como ele vai ser capacitado, de quais formas a escola pode ajudar em seu processo de desenvolvimento.

1.2.Deficiência

Conforme a WHO (2014), a deficiência é a ausência ou disfunção de uma estrutura psíquica, fisiológica ou anatômica (p.5).

1.3.Tipos de deficiência

Segundo o autor acima referenciado, existe vários tipos de deficiência, desde a deficiência auditiva, física, mental e de entre varias. Mas neste trabalho apenas fizemos menção da deficiência auditiva, onde conceituamos a deficiência auditiva, suas características, discutimos também a diferença entre surdez e deficiência auditiva, descreve os diferentes tipos de deficiência auditiva.

1.4.Conceitos de deficiência auditiva

De acordo com Redondo e Carvalho (2000), "deficiência auditiva é a perda parcial ou total de audição. Essa perda pode ser causada por inúmeros factores como: genética ou hereditariedade, envelhecimento, exposição a ruído (perda auditiva induzida pelo ruído – PAIR), infecções, traumas físicos, medicamentos e agentes ototóxicos" (p.34).

Por sua vez Correia (2008), no mesmo pensamento de Redondo e Carvalho enfatiza que a Deficiência Auditiva "é a carência de audição, a capacidade de ouvir é insuficiente perante as

tarefas realizadas pelo indivíduo. Esta insuficiência é uma lesão que se situa no ouvido e a criança torna-se inapta de ouvir os sons que o rodeia " (p.89).

1.5. Sinais ou Características de crianças com Deficiência Auditivas

Segundo Ciccone (1990), certos tipos de sinais de deficiência auditiva entre as crianças podem ser observados pelos professores, ou por pessoas que trabalham com elas, tais como:

Defeitos de linguagem, Expressão oral pobre, Pedidos para que se repitam palavras e instruções, Uso demasiado de (o que? Como?), Andar arrastando os pés, Ausência de reacções a sons pouco intensos, fora de seu campo visual, Dores e supurações no ouvido, Cabeça virada para ouvir melhor, em posições pouco comuns, Escolaridade deficiente, Ditados com muitos erros, Olhar dirigido mais para os lábios do interlocutor do que para os olhos, Dificuldades de contactos afectivos, Irritabilidade, Falta de interesse principalmente por jogos e actividades em grupo, Insegurança em brincadeiras ao ar livre, Dificuldade para a leitura e a escrita, Nem sempre atende a chamados, É retraída e desconfiada, Fala muito alto ou muito baixo (p. 16).

1.6.Diferença de deficiência auditiva e surdez

Segundo Ciccone (1990), a surdez pode ser definida como uma perda ou diminuição considerável do sentido da audição (p.16).

E o Ministério da Educação (1994) considera uma diferença entre a deficiência auditiva: Surdo é o indivíduo que não possui audição funcional na vida comum

Deficiente auditivo é o individuo que mesmo com perda auditiva, possui audição funcional, com ou sem prótese.

Contudo, podemos perceber que existe uma enorme diferença entre a surdez e a deficiência auditiva. O surdo é o individuo que mesmo com a ajuda de prótese ou outros instrumentos que aumentam a capacidade de ouvir não permite a captar nenhum som. Ao passo que deficiente auditivo é o individuo que com ou sem ajuda de instrumentos auditivos possui audição funcional.

1.7.Tipo de Deficiência Auditiva

Na perspectiva de Rossi (1996), apresenta os três (3) tipos de deficiência auditiva ou perda auditiva mais frequentes que são: Deficiência ou perda auditiva por condução, Neurosensorial e Mista (p.17).

- a) **Deficiência ou perda auditiva por condução** é quando há lesões no ouvido externo ou médio por resfriados contantes, alergias, fluidos no ouvido médio, inflamações ou infecções no conduto auditivo externo.
- b) **Deficiência ou perda auditiva Neurosensorial** - este tipo ocorre quando há lesão do ouvido interno ou do nervo auditivo, esta perda pode acarretar, tanto uma redução do nível auditivo, como uma distorção na compreensão da fala (idade avançada, hereditariedade, malformações congénitas, drogas ototóxicas, lesões cerebrais, tumores e exposições a ruídos intensos).
- c) **Deficiência ou perda auditiva mista** - esta ocorre quando há comprometimento de todo o sistema (ouvido externo, médio ou interno).

1.8.Classificação da Deficiência Auditiva

Segundo Martinez (2000), a deficiência auditiva pode ser classificada quanto à sua forma de manifestação, origem e gravidade de acordo com os graus normal, leve, moderada, severa e profundo.

Quadro nº1: Classificação da Deficiência Auditiva

Limiares Tonais	
Audição Normal	0 a 15 Db
Deficiência Auditiva leve	26 a 40 Db
Deficiência Auditiva moderada	41 a 55 dB
Deficiência Auditiva severa	56 A 70 dB
Deficiência Auditiva Severa	71 a 90 dB
Deficiência Auditiva Profunda	Acima de 91 dB

Fonte: Martinez (2000, p.11).

E por sua vez Brasil (1995), diz que as alternativas de atendimentos dos portadores de deficiência auditiva as orientações estavam divididas de acordo com o grau de deficiência auditiva, denominando os alunos auditivos e por estas recomendações dividem-se da seguinte forma:

- Alunos portadores de deficiência auditiva leve e Normal, este tipo de aluno pode frequentar a escola do ensino regular em geral esses alunos não apresentam dificuldades na classe comum.

- Alunos portadores de deficiência auditiva moderada, os alunos poderão frequentar a creche ou sala de estimulação, ou ainda a pré-escola do ensino regular, bem como ser alfabetizado a prosseguir seus estudos com alunos sem deficiência auditiva, desde que receba atendimento especializado em outro período diário.
- Alunos portadores de deficiência auditiva severa, estes alunos devem receber estimulação no período em que passam pela educação infantil em clínica fona audiológica, em sala de recurso, em escola especializada ou classe especial em forma individual ou em grupo uma sala de oito alunos.
- Alunos portadores de deficiência auditiva profunda, os alunos geralmente ingressaram em uma classe comum do ensino regular, este será alfabetizado em classe especial especializada (p.26).

1.9.O papel dos professores face aos alunos com a deficiência auditiva

"O momento em que os pais descobrem a deficiência auditiva da criança é cercado de conflitos, sendo, portanto, um momento muito delicado" (Cole, 1992, p.25).

Essa, descoberta da deficiência auditiva costuma deixar os pais muito confusos, derrotados e qualquer informação que lhes seja fornecida nesse momento dificilmente será compreendida, apenas contribuirá para aumentar seus sentimentos de medo, pânico, inadequação diante do problema.

De outra forma, "a atitude que seria de coloca-los em contactos com os outros pais, já que a troca de experiencia entre pais de criança deficientes auditivas pode contribuir de forma mais afectiva dando-lhe o que nenhum profissional talentoso pode dar" (Luterman & Rossi, 1991, p.90).

Os profissionais devem ter sensibilidade para respeitar esses sentimentos e devem seguir os pais até que estejam mais fortalecidos para compartilhar efectivamente do processo educacional e terapêutico, e se esse limite não for respeitado, o profissional poderá ter pais dependentes e inseguros quanto ao poder em relação a seus filhos.

Neste caso, Luterman (1979), diz que, o profissional que são os psicólogos, e os psicopedagogos precisa ter calma e confiança para passar as informações de maneira progressiva, precisa ainda ter sensibilidade para saber quando e como passa-las, tentando minimizar a confissão inicial gerada normalmente por muita informação recebida em pouco tempo (p.23).

1.10. Estratégias de inclusão de alunos com deficientes auditivas no processo de ensino e aprendizagem.

Fazer a inclusão de alunos com deficiência auditiva, não tem sido algo tão fácil, neste contexto, Santos e Babosa (2016), sustentam esta ideia sustentando que no contexto metodológico ensinar uma pessoa surda é tarefa árdua e assim “temos que rever as metodologias, pois não se trata apenas da linguagem, e sim, de todos os demais aspectos relativos aos processos de ensinar e aprender, que envolvem crianças”. (p. 88).

Os autores vão mais além apresentando algumas estratégias de inclusão de alunos com problemas de deficiências auditivas no processo de ensino e aprendizagem, destacando que no contexto metodológico para o ensino aprendizagem da pessoa surda precisa-se enfatizar: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

a) Oralismo

O oralismo permaneceu durante um século como uma metodologia empregada para ensino dos alunos com deficiência auditiva. Isso porque as relações entre aluno surdo e professores eram realizadas por meio da oralidade. Esse processo levou várias consequências no desenvolvimento dos alunos surdos. O oralismo é uma abordagem que visa à integração da criança surda na comunidade ouvinte, enfatizando a língua oral do país (Goldfeld, 1997).

Assim, o oralismo objectiva ensinar o aluno surdo a falar. Busca iniciar a fala o mais cedo possível utilizando diversos instrumentos entre eles o aparelho auditivo e a prática oralista estimula a audição do indivíduo.

b) Comunicação Total

Segundo Goldfeld (1997), a comunicação total possui uma filosofia bastante diferenciada em relação às outras abordagens, pois esta defende qualquer recurso linguístico, oral ou manual para facilitar a comunicação com as pessoas surdas. Bem como a valorização do papel da família do aluno surdo, em acreditar nessa metodologia e compartilhar os valores importantes para a aquisição do conhecimento. a comunicação total contribuiu para diminuir o bloqueio de comunicação que o aluno surdo vivencia em seu dia a dia, que impediam em seu desenvolvimento, fazendo que a família passasse a ser uma grande colaboradora na comunicação de seus filhos. Nesse sentido, a comunicação total influenciou para o surgimento do bilinguismo.

Assim, acreditamos que a comunicação total objectiva utilizar de todos os meios que possam facilitar a comunicação, desde a fala sinalizada, passando por uma serie de sistemas até chegar aos sinais.

c) O Bilinguismo

Segundo Slomski (2012). “Bilinguismo é uma filosofia de ensino com uma visão sociocultural da surdez, que assume a Língua de Sinais como a primeira língua, e cujo discurso propõe a diversidade cultural e a aceitação do surdo na sociedade” (p. 68).

Segundo o autor acima referenciado, para os bilinguistas, o aluno com surdez não precisa obter uma vida igual ao de um ouvinte, mas assumir sua deficiência. A principal filosofia do ensino bilíngue é que os alunos surdos formem uma comunidade, tendo uma cultura e uma língua própria. Diante disso, a aprendizagem é social e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores depende da interacção da criança com o seu meio, das relações que ela mantém com o mundo exterior.

O bilinguismo defende o uso da língua de sinais e do português como duas línguas distintas reconhecendo o surdo na sua diferença e especificidade. (Santos e Barbosa, 2016, p.88).

Para além destas estratégias que os autores apresentam, existem outras que devem ser feitas para a inclusão de alunos com deficiências auditivas no processo de ensino e aprendizagem, nomeadamente:

- ✓ Desenvolver um processo de ensino e aprendizagem com o aluno surdo adoptando a mesma proposta regular da escola regular, com as devidas adaptações que possibilitem a inclusão;
- ✓ Propiciar acesso ao currículo, utilizando sistemas de comunicação alternativos como a Língua brasileira de Sinais, a mímica, o desenho e a expressão corporal;
- ✓ Utilizar técnicas, procedimentos e instrumentos de avaliação compatíveis com as necessidades do aluno surdo, sem alterar os objectivos da avaliação e o seu conteúdo; Substituir actividades que não possam ser alcançadas pelo aluno surdo devido a sua deficiência, por outras acessíveis, significativas e básicas. Porém, sem a eliminação dos conteúdos curriculares;

- ✓ Acomodar os alunos com deficiência auditiva na primeira fila na sala de aula; Falar sempre olhando para o aluno, permitindo a leitura orofacial, quando for o caso;
- ✓ Fornecer uma cópia dos textos com antecedência, assim como uma lista da terminologia técnica utilizada na disciplina, para o aluno tomar conhecimento das palavras e do conteúdo da aula a ser leccionada;
- ✓ Garantir ampliação do tempo extra para as avaliações; Garantir a contratação de interprete de libras para mediar a comunicação professor versus aluno e aluno versus aluno; Interagir com os profissionais da educação especial a fim de qualificar os processos de aprendizagem. (Santos & Barbosa, 2016, p. 91).

Assim, os deficientes auditivos no processo de ensino aprendizagem necessitam também do atendimento especializado educacional, estando este a ser oferecido em horário de contra turno, onde neste momento será otimizado e reforçado as aprendizagens necessárias, bem como a realização do acompanhamento deste educando visando de fato a garantia de permanência dele no espaço escolar regular respeitando a diversidade e suas diferenças.

1.11. Relação família e escola

Começaremos a nossa explanação sobre a relação da família e escola conceituando o que seja família. Segundo Chalita (2011), a família é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estar junta, e constroem suas culturas entre si. Compreende-se que família é a primeira a fazer parte do desenvolvimento da criança. É nela que são construídos conhecimentos voltados para o convívio em sociedade, ela é a primeira a serem responsáveis pelos hábitos, costumes e interação da criança com o meio em que vive.

Contudo, podemos acreditar que educar é uma ação complexa e envolve diferentes significados tais como escola, família, alunos, professores de entre vários envolvidos. Desta feita, para que a educação corra de uma boa maneira é necessário que haja uma boa relação entre a escola e a família, e estes elementos ao se relacionarem compõe o contexto educativo e assim encontram-se presentes e necessários tanto na escola quanto no seio família. Daí pode se afirmar que família e escola são instituições sociais inerentes a condição humana e assim, portanto, indissociáveis.

Sabe-se que a relação harmoniosa entre a família e a escola traz importantes atributos positivos na vida dos educandos, principalmente no que concerne ao desenvolvimento e ao aproveitamento escolar (Silva, 2003, p.28).

Por sua vez, Marques (2001), defende que a família e escola precisam caminhar de mãos dadas e assumam seus papéis e possam se relacionar, pois, o envolvimento parental é crucial para o processo de ensino aprendizagem das crianças.

1.12. Participação da família no processo de ensino-aprendizagem

Segundo Chalita (2011), a responsabilidade de educar não é apenas da escola, é de toda a sociedade, a começar pela família. Dessa forma pode-se constatar que a participação da família na escola é de fato importante para o desenvolvimento educacional, social e emocional da criança.

A família é o primeiro agente de educação e de socialização de qualquer criança, incluindo a portadora de deficiência, desenvolve um papel relevante no âmbito da intervenção precoce. É, muitas vezes, a família, que detecta as diferenças em relação às crianças com necessidades especiais. Assim, temos de salientar a importância fundamental da educação no âmbito familiar, especialmente no início do desenvolvimento da criança. Cabe à família intervir de modo a desenvolver na criança todas as suas capacidades. (Moreira, 2012).

Por sua vez Marchesi et al. (1995, cit. in Moreira, 2012) enfatiza que “a participação e colaboração dos pais no processo educacional dos alunos é um factor primordial para favorecer o seu desenvolvimento”.

A partir das citações acima, pode se reflectir sobre o papel da família na educação de crianças e que tipo de apoio pedagógico estas famílias devem receber. Importa frisar que a responsabilidade da família pela vida de seus filhos não difere em nada, sejam pais de crianças com ou sem deficiência, sua função não muda e nem tão pouco suas responsabilidades aumentam ou diminuem, todavia, a participação dos pais no desenvolvimento de alunos é indispensável e indissociável no processo educativo formal. É nessa ordem de ideias que Homem (2002), contribui ao dizer que “família é o principal ambiente de aprendizagem e de aquisição de valores” (p. 24). O autor vai mais além enfatizando que a família vai a escola garantir assim o direito de acesso à escola pela criança.

Neste sentido, Marques (2001) diz que “quando os pais colaboram com a escola surgem as vantagens que estão além do rendimento escolar de seus filhos, possibilitando neste caso aumentar a motivação dos alunos pelo estudo; ajuda a que os pais compreendam melhor o esforço dos professores; melhora a imagem social da escola; reforça o prestígio profissional dos

professores; ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis e estimula os professores a serem melhores professores” (p. 20).

Por sua vez, a escola deve oferecer aos pais os conhecimentos necessários no que concerne ao desenvolvimento de seus filhos. Além disso, deve orientar os pais de como realizar o acompanhamento de seus filhos no dia-a-dia fora da escola. É fundamental também que a família participe nas actividades escolares de seus filhos e para isso cabe a escola implantar projectos onde a escola, os alunos e as famílias possam interagir e aprenderem na convivência, na diversidade e na diferença que podem construir novos rumos na vida de filhos e alunos.

Assim, Marques (2001), sintetiza sobre a participação da família no processo de ensino e aprendizagem dizendo que o papel dos pais na educação de seus filhos é uma acção responsável e que promove desenvolvimento. Para Marques, a escola educa formalmente, transmite conhecimento científico e a família educa, desenvolve a partir de singularidades que se apresentam em dimensões constituídas no amor, na responsabilidade, na preocupação e na construção de filhos sujeitos de direitos e que merecem mesmo com suas limitações serem respeitados no que concerne a sua diferença e na diversidade existente em sua própria diferença.

CAPITULO II - METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

O presente capítulo tem como objectivo esclarecer os processos metodológicos e científicos utilizados para a realização da pesquisa, descrevendo de uma forma detalhada e clara os passos do desenvolvimento. Portanto, neste capítulo são evidenciados os tipos de pesquisa, os instrumentos, as técnicas de recolha de dados, e técnicas e instrumentos de análise e interpretação dos resultados.

2.1. Método de Pesquisa

Segundo Gil (2008), "método científico é um conjunto de processos ou operações mentais que se devem empregar na investigação" (p.8).

Baranão (2008) "O método de projecto deverá indicar o tipo de estudo a realizar, as técnicas para a obtenção de dados e quais os métodos à aplicar, para a exploração dos dados obtidos, todas estas escolhas deverão ser justificada" (P. 40).

Portanto, para investigação deste tema baseou-se no método indutivo. Pois, este método fundamenta-se num raciocínio que parte das constatações mais particulares as leis e teorias aos mais gerais. Ainda afirma que este método parte da observação de factos ou fenómenos cujas causas se desejam analisar.

2.2. Classificação da pesquisa

De acordo com Gil (1994), " existem vários critérios de classificação de tipo de pesquisa, que podem ser: quanto á abordagem de problema, quanto os objectivos e quanto ao procedimento técnico" (p. 10).

2.2.1. Quanto à abordagem do problema – pesquisa qualitativa

Para o presente trabalho foi usada a pesquisa qualitativa, que é aquela que procura compreender de forma detalhada as características de um fenómeno social, isto é, o porquê do seu acontecimento na perspectiva dos participantes, com base naquilo que é representada pelo grupo alvo da pesquisa. Segundo Teixeira (2001), a pesquisa qualitativa pode ser denominada de pesquisa interpretativa e que privilegia as experiências do pesquisador (p. 124).

Na pesquisa qualitativa " o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e dos dados, entre o contexto e a acção, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenómenos pela sua descrição e interpretação " (Flick, 2005, p.124). Nesta ordem de ideias,

Oliveira (2011) refere que, “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte directa de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (p. 24). E por sua vez na visão do Sousa e Baptista (2011), o estudo qualitativo, centra-se na compreensão dos problemas, analisa os comportamentos, as atitudes e os valores, não se preocupa com a amostragem, generalidade dos resultados, validade e viabilidade dos instrumentos do problema.

E segundo Vilelas (2009) “a pesquisa qualitativa é utilizada para interpretar fenómenos, ocorre por meio da interacção constante entre a observação e a formulação conceptual, entre a pesquisa empírica e o desenvolvimento teórica entre a percepção e a explicação” (p.113).

O uso da pesquisa qualitativa permitiu colher dos professores, dos encarregados, alunos e os membros de direcção as suas percepções sobre o acompanhamento dos pais e encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiências auditivas.

2.2.2. Quanto aos objectivos – pesquisa descritiva

A escolha de tipo de pesquisa depende de vários factores segundo o tema em pesquisa, no entanto, para esta pesquisa o autor optou pela pesquisa: descritiva.

De acordo com Gil (2008), a “Pesquisa Descritiva visa descrever as características de determinadas populações ou fenómenos, uma das suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de colectas de dados, tais como o questionário e a observação sistemática” (p.123).

Pesquisa descritiva, que na visão de Demo (2000), "objectiva descrever as características de certa população ou fenómeno, ou estabelecer relações entre variáveis; envolvem técnicas de colecta de dados padronizadas (questionário, observação); assume em geral a forma de levantamento" (p. 57).

Todavia, através desta pesquisa compreendemos sobre o acompanhamento dos pais e encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiências auditivas.

2.2.3. Quanto ao procedimento técnico – estudo de caso

Na opinião de Gonçalves e Meirelles (2004), “os estudos de caso são métodos adoptados para explicar os fenómenos ou problemas que representam características peculiares, alguma maneira de ver, reagir com destaque que justifique o esforço de pesquisa” (p. 64).

Por outro lado, Amado (2013), enfatiza que um dos aspectos que o estudo de caso tem em comum é a dedicação ao conhecimento e descrição do idiossincrático e específico como legítimo em si mesmo, onde o investigador não se preocupa em generalizar.

Neste estudo, foi aplicado o estudo de caso com o intuito de descrever uma realidade em particular e não generalizar dos resultados que serão chegadas com outras situações, visto que, o estudo de caso consiste geralmente no estudo aprofundado de uma unidade individual, tal como: uma pessoa, um grupo de pessoas, uma instituição, um evento cultural.

2.3. Participantes

Na visão do Severino (2007), participante da pesquisa é aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenómenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas actividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as acções praticadas pelos sujeitos (p.120).

Por sua vez Demo (1998), enfatiza que “na sua forma mais elementar (os informantes), é possível o uso de diversas fontes para melhor a compreensão de um fenómeno” (p. 58). As discussões em grupo podem resultar em um desafio para os participantes e os pesquisadores que pode ter grandes benefícios para o processo. Para esta investigação, optamos em seleccionar dois professores, dois membros de direcção, dois pais e encarregados de educação e dois alunos para fazerem parte do nosso estudo. No que tange ao critério dessa selecção dos participantes, o director da escola escolheu-se pela sua função, quanto aos professores pela sua função e enorme interacção social, no caso de encarregados de educação, por serem a peça fundamental no acompanhamento do processo de PEA e os alunos por serem os elementos principais do PEA.

Tabela nº 1: Participantes da pesquisa

Participantes	Quantidade	Técnicas de recolha de dados
Director	1	Entrevista
DAE	1	Entrevista
Professores	2	Entrevista
Pais e Encarregados de Educação	2	Entrevista

2.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Na concepção de Moresi (2003), técnica de recolha de dados é o conjunto de processos e instrumentos elaborados para garantir o registo das informações, o controle e análise dos dados. Pode-se considerar de instrumento de pesquisa que o autor utilizará para a recolha de dados que estes nos levam a confirmar ou refutar as hipóteses previamente elaboradas. Para a realização do trabalho, usou-se a entrevista semiestruturada como técnica de colecta de dados.

2.4.1. Entrevista

Para Ramos e Naranjo (2014), a entrevista é uma técnica de compilação de informação mediante uma conversa profissional com que, além disso, se adquire informação a cerca do que se investiga. Tem importância do ponto de vista educativo. Os resultados a obter na missão dependem em grande medida do nível de comunicação entre o investigador e os participantes na entrevista.

2.4.2. Entrevista semiestruturada

Segundo Duarte, (2004), a entrevista semiestruturada é aquela que propicia ao pesquisador melhor aprofundamento do tema em pesquisa, colectando indicações da maneira como cada participante percebe e dá significado à sua realidade. Esta entrevista semiestruturada foi feita a dois professores, dois alunos, dois membros de direcção e sem se esquecer de dois encarregados de educação do local onde foi feita a investigação. Optamos por este tipo de entrevista semiestruturada por perceber que dá aos entrevistados espaço aberto para opinar ou deixar suas ideias, permitindo assim obter uma vasta e profunda informação relacionado ao tema em causa. De salientar que neste tipo de entrevista as perguntas serão abertas e usaremos o guião de entrevista, canetas e bloco de notas como instrumento de recolha de dados.

2.5. Técnica de apresentação e análise dos dados

Na apresentação, análise e interpretação dos dados fez-se a análise do conteúdo. De salientar que os dados são apresentados e organizados em categorias em que apresentamos em forma de um texto corrido para facilitar a sua percepção.

Segundo Bardin (1977, cit. Em Vilelas, 2009, p.334) refere que a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de interpretação da comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição, do conteúdo da mensagem, indicadores (quantitativos

ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”.

Por sua vez Chizzotti (2001, cit. em Zanella, 2013) diz que a análise de conteúdo é “um método de tratamento e análise de informações colhidas por meio de técnicas de colecta de dados, consubstanciadas em um documento. A técnica se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzidas a um texto ou documento” (p.125).

2.6. Considerações Éticas

No que diz respeito a considerações éticas, é importante frisar que as informações recolhidas serão usadas apenas para fins acadêmicos e a investigação respeitará com todo rigor as directrizes e critérios estabelecidos no que se refere à zelar pela legitimidade das informações, privacidade e sigilo das informações, tendo bons modos e maneiras de se expressar de modo a não ferir a sensibilidade das pessoas e até mesmo a instituição que pretende se fazer o estudo, omitindo a sua identidade ou sua pronúncia colocando assim um nome fictício. Quando necessários os resultados desta pesquisa tornarem-se públicos, serão considerados em todo o processo de construção do trabalho.

CAPITULO III. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, é reservado o processo de tratamento dos dados empíricos com as seguintes fases:

- i. Apresentação dos dados – esta etapa consistiu na organização e selecção dos dados julgados relevantes sob a forma de unidades de registo;
- ii. Codificação dos entrevistados – para a posterior referenciação dos entrevistados, criamos um código para cada participante, nomeadamente:
 - a. DE - Director de Escola
 - b. DA - Director Adjunto de Escola,
 - c. Prof1 - Professor 1
 - d. Prof2 - Professor 2
 - e. PEE1 – pai e encarregado de educação 1
 - f. PEE2 – pai e encarregado de educação 2
- iii. Categorização - procedemos à categorização do material seleccionado. Isto é, para facilitar a leitura dos dados, foi necessário organizar e agrupar as unidades de registos, em função dos objectos deste estudo, e em função das respostas dadas pelos entrevistados.
- iv. Análise de conteúdos – esta etapa consistiu na interpretação das opiniões dos nossos entrevistados centrados no modo como valorizam as suas experiências dos mesmos. Nesta etapa, entendemos que, a atribuição dos significados das opiniões dos entrevistados nos conduziria à compreensão dos mesmos.
- v. Discussão dos resultados – nesta fase, procurámos seguir a lógica interpretativa, através da aproximação dos conteúdos analisados às teorias convocadas e apresentadas no marco teórico deste estudo. Ou seja, procurámos ter em conta o enquadramento teórico exposto no primeiro capítulo e o contexto que se inserem os resultados. Importa referir que se tratando de uma pesquisa qualitativa e em que os dados passaram por um processo de categorização, usámos a análise de conteúdo como a estratégia para analisarmos os nossos dados. A partir das unidades de análise e dando enfoque aos objectivos deste estudo, foi possível estabelecer as dimensões de análise. Deste modo, consideramos as dimensões de análise, no quadro-resumo abaixo apresentado:

Objectivos	Dimensões de análise (categorias)
Identificar as estratégias da escolarização dos alunos com deficiências auditivas;	Estratégias de escolarização dos alunos com deficiências auditivas.
Descrever as actividades dos pais e encarregados de educação no acompanhamento da escolarização dos seus educandos;	Actividades dos pais e encarregados de educação no acompanhamento da escolarização dos seus educandos.
Apresentar os mecanismos adaptados pelos professores para incentivar os encarregados de educação no acompanhamento do PEA	Mecanismos adaptados pelos professores para incentivar os encarregados de educação no acompanhamento do PEA

Fonte: Autor

3.1. Estratégias de escolarização dos alunos com deficiências auditivas.

Nesta primeira categoria do trabalho, procurámos descrever as estratégias de escolarização dos alunos com deficiências auditivas. De onde nos emergiram duas subcategorias.

3.1.1. Estratégias de ensino?

Relativamente a primeira subcategoria, procuramos junto dos entrevistados colher o conhecimento que tem sobre o que são estratégias de ensino. Face a questão, os nossos entrevistados em resposta declararam o seguinte:

Para o entrevistado **(DE)** *referiu que Estratégias de ensino são todos os caminhos, métodos e técnicas que um professor usa durante as aulas para que os conteúdos programados cheguem e sejam percebidos pelos alunos.*

Já o entrevistado **(DAE)** *referiu que Estratégias de ensino são conjunto de técnicas que um professor usa para atingir os seus objectivos educativos durante o PEA.*

Ao que, o **(Prof1)** *conceitua Estratégias de ensino sendo todas as técnicas, caminhos, mecanismos que o professor usa durante as aulas para que os seus objectivos traçados sejam atingidos.*

O **(Prof2)** *indicou na sua conceptualização que estratégias de ensino são todas as actividades, caminhos, técnicos métodos que um professor vai usar em sala de aula para levar todo o aluno*

a perceber bem a matéria dada pelo professor numa determinada aula. **3.1.2. Estratégias de ensino usadas para escolarização dos alunos com deficiências auditivas.**

Nesta subcategoria perguntamos aos nossos entrevistados quais são as estratégias de ensino que podem ser usadas para a escolarização de alunos com deficiências auditivas. Como respostas, O entrevistado **(DE)** referiu que *são várias as estratégias que podem ser usadas para a escolarização dos alunos com deficiências auditivas, e isso varia de professor para professor dependendo da sua criatividade. Mas posso mencionar aqui as seguintes estratégias: alternância de código durante as aulas, uso da língua materna (L1 da criança) como recurso de ensino durante as aulas, deixar o aluno sempre sentado afrente, falar acompanhado com gestos, dar trabalhos individuais e de entre outras várias estratégias.*

Ao passo que o entrevistado (DAE) advogou que as estratégias que podem ser usadas são: *falar paulatinamente acompanhado pelos gestos não exagerados, o uso da L1 como recurso, alternância de código durante as aulas, uso de meios didáticos bem visíveis, distribuição de tarefas em grupos assim como individualmente, marcação de TPC, controlo e correcção de exercícios feitos nos livros e cadernos.*

Mas os entrevistados (Prof1 e Prof2) tiveram a mesma ordem de ideias e afirmaram que as estratégias que podem ser usadas, alias que eu uso para a escolarização de crianças com deficiências auditivas são: primeiro colocar nas primeiras carteiras todos os alunos com deficiências auditivas, falar sempre a reparar os mesmos para poder acompanhar os movimentos dos lábios, falar devagar, não gritar, perguntar sempre se o aluno percebeu o que o professor falou, ter tempo para corrigir os seus exercícios, apontar sempre para ir ao quadro para resolver algum exercício, uso a língua materna como recurso durante as aulas, deixar sempre TPC para poder ter tempo em casa para preparar as lições.

Como podemos perceber nas respostas dadas pelos nossos entrevistas, é certo que todos percebem o que seja estratégias de ensino por que eles definem correctamente o que seja estratégias de ensino, apesar de cada um usar as palavras quase diferentes do outro. No que diz respeito a estratégias usadas para a escolarização dos alunos com deficiências auditivas eles mencionaram as seguintes estratégias: alternância de código durante as aulas, uso da língua materna (L1 da criança) como recurso de ensino durante as aulas, deixar o aluno sempre sentado afrente, falar acompanhado com gestos, dar trabalhos individuais, uso de meios didáticos bem visíveis, distribuição de tarefas em grupos assim como individualmente, marcação de TPC,

controlo e correcção de exercícios feitos nos livros e cadernos, perguntar sempre se o aluno perceber o que estou a falar, falar sempre a reparar os mesmos para poder acompanhar os movimentos dos lábios, falar devagar, não gritar.

3.2. Actividades dos pais e encarregados de educação no acompanhamento da escolarização dos seus educandos.

Nesta segunda categoria do nosso trabalho, procuramos saber junto aos nossos entrevistados as actividades que os pais e encarregados de educação fazem no acompanhamento da escolarização dos seus educandos. Importa referir que nesta categoria emergiram três categorias que abaixo apresentamos:

3.2.1. Como encarregado de educação, tem feito o acompanhamento do PEA do seu educando com deficiências auditivas?

Nesta subcategoria perguntamos aos nosso entrevistados se faziam o acompanhamento pedagógico aos seus educandos com deficiências auditivas:

Os nossos entrevistados, **(PEE1 e PEE2)** *comungavam a mesma ideia e eles responderam o seguinte: Sim tenho feito o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem do meu educando.*

3.2.2. Quais são as actividades que tem feito que mostram o acompanhamento do PEA do seu educando?

Já nesta subcategoria, apoiando nos com as respostas dadas na primeira subcategoria, perguntamos aos nossos entrevistados as actividades que tem feito que mostram o acompanhamento do PEA, e eles responderam:

O primeiro entrevistados **(PEE1)** respondeu que *são muitas actividades que tenho feito para fazer o acompanhamento, tais como: controlar onde o aluno escreveu depois de voltar da escola; ajudar a fazer o TPC; participar nas reuniões da escola; comprar material (cadernos e canetas e etc.); apresentar ao professor dificuldades do meu filho e outras actividades.*

Ao passo que para o segundo entrevistado **(PEE2)** *considera a Participação nas reuniões dos meninos na escola; comprar material para o aluno; consultar todo o andamento das aulas dos meninos em todo o período; informar a direcção da escola assim como o professor todas as dificuldades e problemas que o meu educando ter.*

3.2.3. Quais são as actividades que a escola responsabiliza os pais como acompanhamento do PEA dos alunos com deficiências auditivas?

Já na última subcategoria desta categoria, procuramos perceber quais as actividades que a escola responsabiliza os pais como acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência auditiva.

Como resposta, o entrevistado **(DE)** diz que *as actividades que a escola responsabiliza os pais coo acompanhamento do PEA são: participar as reuniões; dar um acompanhamento durante o PEA; controlar o caderno/livro todos os dias lectivos para ver onde o aluno escreveu; comprar material didáctico para seu educando; informar ao professor (a) todas as dificuldades e/ou deficiências do seu filho; e garantir a pontualidade e assiduidade do aluno.*

Mas o entrevistado **(DAE)** diverge a opinião do entrevistado acima e ele advoga que *existem várias actividades que a escola responsabiliza os pais tais como: matricular os alunos; compra de material escolar, conhecer a sala, professor, turno do seu educando; construção das casa para os professores; participar todas as reuniões da escola e outras actividades.*

Ao passo que os entrevistados **(Prof1 e Prof2)** comungam a mesma opinião ao afirmarem que *de entre várias actividades que a escola responsabiliza os pais encontramos: Matricular o seu educando; conhecer o professor do seu educando; participar todas as reuniões; apresentar qualquer problema do seu educando ao professor/a; comprar material didáctico para o seu educando; fazer todos os trabalhos da escola para o desenvolvimento da escola; controlar e assinar todas as provas do seu educando, manter o livro do aluno bem conservado; não permitir o aluno faltar nas aulas; apresentar ao professor qualquer deficiência do aluno; e apresentar ao professor a estagnação pedagógica do aluno.*

Com base nas respostas facultadas pelos nossos participantes percebemos que são enumeras actividades que os pais e encarregados de educação fazem durante o acompanhamento do PEA dos alunos com deficiências auditivas. Dentre varias actividades, os nossos entrevistados apontaram as seguintes actividades: matricular o aluno/educando, controlar onde o aluno escreveu depois de voltar da escola; ajudar a fazer o TPC; participar nas reuniões da escola; comprar material (cadernos e canetas e etc.), consultar todo o andamento das aulas dos meninos em todo o período; informar a direcção da escola assim como o professor todas as dificuldades

e problemas que o seu educando ter, garantir a pontualidade e assiduidade do aluno, conhecer a sala, professor, turno do seu educando; participar na construção das casa para os professores; não permitir o aluno a faltar nas aulas; e controlar e assinar todas as provas do seu educando.

3.3. Mecanismos adaptados pelos professores/direcção para incentivar os encarregados de educação no acompanhamento do PEA

Nesta terceira e última categoria procuramos trazer a tona, através dos nossos entrevistados, os mecanismos adaptados pelos professores para incentivar os encarregados de educação no acompanhamento do PEA. Nesta categoria tivemos apenas única subcategoria que procurava saber os mecanismos adoptados pelos professores para incentivar os encarregados de educação a envolver se no acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência auditiva.

Para o entrevistado **(DE)** revelou-nos que *um dos mecanismos adoptados para incentivar os encarregados de educação a se envolver no acompanhamento do PEA é a distribuição dos encarregados nas turmas como pais da turma, para além do conselho de escola, há existência de responsáveis de cada turma e classe para o controlo dos pais que participam nas reuniões.*

Por sua vez o entrevistado **(DAE)** respondeu que *a direcção da escola tem adaptado vários mecanismos para que os pais continuem a envolverem-se no acompanhamento, tais como: distribuir responsabilidades para alguns pais como controladores dos outros pais, incentivar outros encarregados a participarem as reuniões trimestrais ou mensais, marcação de reuniões por turmas para fazer o balanço mensal do PEA.*

Os entrevistados (Prof1 e Prof2) advogaram que são vários mecanismos que a direcção adopta tais como: visita nas casas dos encarregados que os seus educandos faltam nas aulas e que os próprios encarregados que não participam reuniões, reforço do trabalho do conselho de escola, criação de pais da turma, e marcação de reuniões para analisar o andamento do processo de ensino e aprendizagem

Nesta categoria, os nossos entrevistados mostraram que existem vários mecanismos que a direcção da escola e professores adoptam para incentivar os encarregados de educação a envolver se no acompanhamento de PEA dos alunos com deficiências auditivas, nomeadamente: a distribuição dos encarregados nas turmas como pais da turma, existência de responsáveis de cada turma e classe para o controlo dos pais que participam nas reuniões,

distribuir responsabilidades para alguns pais como controladores dos outros pais, incentivar outros encarregados a participarem as reuniões trimestrais ou mensais, marcação de reuniões por turmas para fazer o balanço mensal do PEA, visita nas casas dos encarregados que os seus educandos faltam nas aulas e que os próprios encarregados não participam reuniões, reforço do trabalho do conselho de escola, criação de pais da turma, e marcação de reuniões para analisar o andamento do processo de ensino e aprendizagem.

3.4. Discussão de resultados

Neste subcapítulo apresentamos os argumentos e contra-argumentos em relação aos resultados obtidos nas categorias apresentadas acima facultados com os nossos participantes.

No que diz respeito a estratégias usadas para a escolarização dos alunos com deficiências auditivas, os nossos participantes mencionaram as seguintes estratégias: alternância de código durante as aulas, uso da língua materna (L1 da criança) como recurso de ensino durante as aulas, deixar o aluno sempre sentado afrente, falar acompanhado com gestos, dar trabalhos individuais, uso de meios didáticos bem visíveis, distribuição de tarefas em grupos assim como individualmente, marcação de TPC, controlo e correcção de exercícios feitos nos livros e cadernos, perguntar sempre se o aluno percebeu o que o professor (a) falou, falar sempre a reparar os mesmos para poder acompanhar os movimentos dos lábios, falar devagar e não gritar. É notório aqui perceber que as estratégias são diferentes e variam de professor para professor de acordo com a sua capacidade de criatividade. Esta diversidade de estratégias deve-se ao facto de não existir apenas uma único e modelo de estratégias para escolarização ou atendimento dos alunos com deficiências auditivas, como advoga Freeman (2004) que não existe uma estratégia única para integração, mas sim cada um pode criar sua própria dinâmica que possa ser eficaz para integrar alunos.

Ainda percebe-se que durante este processo de apresentação de estratégias para a escolarização da criança com deficiências auditivas, os (as) professores (as) têm usado a oralidade, a comunicação total e o bilinguismo como estratégias de escolarização e estas estratégias são apresentadas como eficazes por Santos e Babosa (2016), ao afirmarem que no contexto metodológico para o ensino aprendizagem da pessoa surda precisa-se enfatizar: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

Sobre as actividades que os pais e encarregados de educação fazem no acompanhamento da escolarização dos seus educandos, os nosso entrevistados revelaram que matricular o

aluno/educando, controlar onde o aluno escreveu depois de voltar da escola; ajudar a fazer o TPC; participar nas reuniões da escola; comprar material (cadernos, canetas e etc), consultar todo o andamento das aulas dos meninos em todo o período; informar a direcção da escola assim como o professor todas as dificuldades e problemas que o seu educando ter, garantir a pontualidade e assiduidade do aluno, conhecer a sala, professor, turno do seu educando; participar na construção das casa para os professores; não permitir o aluno a faltar nas aulas; e controlar e assinar todas as provas (testes) do seu educando são as actividades que os encarregados têm feito para fazer o acompanhamento dos seus educandos com deficiências auditivas.

Com estas respostas percebemos que os pais e encarregados de educação dão este acompanhamento a seus educandos para que o processo de ensino e aprendizagem do aluno (a) com deficiências auditivas seja eficaz e para que a sua aprendizagem seja notório por que segundo Marques (2001), quando os pais colaboram com a escola surgem as vantagens que estão além do rendimento escolar de seus filhos, possibilitando neste caso aumentar a motivação dos alunos pelo estudo; ajuda a que os pais compreendam melhor o esforço dos professores; melhora a imagem social da escola; reforça o prestígio profissional dos professores; ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis e estimula os professores a serem melhores professores. Para além disso, quando o pai ou encarregado de educação dá um acompanhamento a seu educando está fazendo aquilo que é a responsabilidade da família em educar o seu educando como advoga Chalita (2011) que a responsabilidade de educar não é apenas da escola, é de toda a sociedade, a começar pela família.

Assim, nestas actividades mencionadas que os pais fazem percebemos que é uma maneira da família fazer a sua missão em educar e contribuir a educação do seu educando por que o PEA só pode acontecer quando as duas partes (escola e família) estão envolvidas.

No que tange a mecanismos adaptados pelos professores/direcção para incentivar os encarregados de educação no acompanhamento do PEA, os nossos entrevistados mostraram que existem vários mecanismos que a direcção da escola e professores adoptam para incentivar os encarregados de educação a envolver-se no acompanhamento de PEA dos alunos com deficiências auditivas, nomeadamente: a distribuição dos encarregados nas turmas como pais da turma, existência de responsáveis de cada turma e classe para o controlo dos pais que participam nas reuniões, distribuir responsabilidades para alguns pais como controladores dos outros pais, incentivar outros encarregados a participarem as reuniões trimestrais ou mensais,

marcação de reuniões por turmas para fazer o balanço mensal do PEA, visita nas casas dos encarregados que os seus educandos faltam nas aulas e que os próprios encarregados não participam reuniões, reforço do trabalho do conselho de escola, criação de pais da turma, e marcação de reuniões para analisar o andamento do processo de ensino e aprendizagem.

Com todos estes mecanismos que os professores e a direcção adaptam para incentivar o pai e encarregado de educação no acompanhamento do seu educando tem o objectivo de despertar atenção no encarregado sobre a sua responsabilidade de fazer um acompanhamento do PEA do seu educando por que Chalita (2011), diz que a responsabilidade de educar não é apenas da escola, é de toda a sociedade, a começar pela família.

E para além deste autor, por sua vez Marchesi et al. (1995, cit. in Moreira, 2012) enfatiza que a participação e colaboração dos pais no processo educacional dos alunos é um factor primordial para favorecer o seu desenvolvimento. E é nessa ordem de ideias que a escola tem procurado todos mecanismos para incentivar aos pais e encarregados de educação a participarem e a darem um acompanhamento do PEA dos seus educandos, principalmente aqueles com deficiências auditivas.

CONCLUSÃO

Contudo, durante a nossa investigação procuramos trazer a tona, com ajuda dos autores e entrevistados o alcance dos nossos objectivos. Assim, os objectivos específicos delimitavam sem: identificar as estratégias da escolarização dos alunos com deficiências auditivas; aqui, percebemos que as estratégias usadas pelos professores daquela escola, local do nosso estudo, para a escolarização dos alunos com deficiências auditivas são: alternância de código durante

as aulas, uso da língua materna (L1 da criança) como recurso de ensino durante as aulas, deixar o aluno sempre sentado afrente, falar acompanhado com gestos, dar trabalhos individuais, uso de meios didácticos bem visíveis, distribuição de tarefas em grupos assim como individualmente, marcação de TPC, controlo e correcção de exercícios feitos nos livros e cadernos, perguntar sempre se o aluno percebeu o que o professor (a) falou, falar sempre a reparar os mesmos para poder acompanhar os movimentos dos lábios, falar devagar e não gritar.

O nosso segundo objectivo visa descrever as actividades dos pais e encarregados de educação no acompanhamento da escolarização dos seus educandos. Com base a nossos participantes alcançamos este objectivo e percebemos que as actividades que os pais e encarregados de educação fazem no acompanhamento da escolarização dos seus educandos são: matricular o aluno/educando, controlar onde o aluno escreveu depois de voltar da escola; ajudar a fazer o TPC; participar nas reuniões da escola; comprar material (cadernos, canetas e etc.), consultar todo o andamento das aulas dos meninos em todo o período; informar a direcção da escola assim como o professor todas as dificuldades e problemas que o seu educando ter, garantir a pontualidade e assiduidade do aluno, conhecer a sala, professor, turno do seu educando; participar na construção das casa para os professores; não permitir o aluno a faltar nas aulas; e controlar e assinar todas as provas (testes) do seu educando.

O nosso último objectivo foi de apresentar os mecanismos adaptados pelos professores para incentivar os encarregados de educação no acompanhamento do PEA, onde percebemos que a distribuição dos encarregados nas turmas como pais da turma, existência de responsáveis de cada turma e classe para o controlo dos pais que participam as reuniões, distribuir responsabilidades para alguns pais como controladores dos outros pais, incentivar outros encarregados a participarem as reuniões trimestrais ou mensais, marcação de reuniões por turmas para fazer o balanço mensal do PEA, visita nas casas dos encarregados que os seus educandos faltam nas aulas e que os próprios encarregados não participam reuniões, reforço do trabalho do conselho de escola, criação de pais da turma, e marcação de reuniões para analisar o andamento do processo de ensino e aprendizagem são os mecanismos levados a cabo com a direcção e professores daquela escola para incentivar os encarregados de educação no acompanhamento do PEA.

Em fim, quando fizemos uma leitura critica do nosso trabalho, acreditamos que todos os objectivos que guiaram a presente pesquisa foram alcançados de uma forma exaustiva.

Referências bibliográficas

- Baranãna, A. M. (2008). Método e técnicas de investigação em gestão. Manual de apoio a Realização de trabalhos de investigação; Lisboa, Portugal: silabo.
- Chalita, G. (2011). *Famílias que Educam: uma relação harmoniosa entre pais e filhos/* (1.ed.). São Paulo: Cortez.
- Demo, P. (2000). “*Metodologia do Conhecimento Científico*”. São Paulo, Atlas
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.

- Freeman, G. (2004), “*Immigrant incorporation in western democracies*”, International Migration Review, Vol. 38/3
- Gil, A. C. (1994). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (4 ed.). São Paulo: Atlas;
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projectos de pesquisa*. (4ªed.), São Paulo: Atlas
- Goldfeld, M. (1997). *A criança surda*. São Paulo: Pexus.
- Homem, M. (2002). *O jardim de Infância e a família: as fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Libâneo, J. C. (1994). *Didáctica*. São Paulo: Cortez.
- Marques, R. (2001). *Educar com os Pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Moreira, A. I. A. (2012). *A Família e a intervenção educativa face à criança com NEE*.
- Moresi, E. (2003). *Metodologia de pesquisa*. Programa de pós-graduação strictosensu em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação da Universidade Católica: Brasília.
- Oliveira, M. F. (2011). *Metodologia Científica: Um Manual para a realização de pesquisa na administração*. Universidade Federal de Goiás. Brasil.
- Ramos, C. T. S., Naranjo, S. E. (2014). *Metodologia da investigação científica*. Lobito, Angola: Escolar.
- Santos, T; Barbosa, R. da S. (2016). *Educação Inclusiva. Editora e Distribuidora Educacional S. A: Londrina*.
- Severino, A. (2007). *Metodologia do Trabalho Científico*. (23 ed.) São Paulo.
- Slomski, V. G. (2012). *Educação bilíngue para surdos: concepções e implicações práticas*. Curitiba: Juará.
- Silva, P. (2003). *Escola-Família, uma relação armadilhada. Interculturalidade e relações de poder*. Coleção Biblioteca das Ciências do Homem. Ciências da Educação XVII. Porto: Edições Afrontamento.
- Sousa, J. M., Baptista, S. C. (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, teste e Relatório*. (5ª.ed). Lisboa, Portugal: Pator.
- Teixeira, E. (2001). *As Três Metodologias: Académica, da ciência e da pesquisa*. (5ed). Belém.
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: o processo de construção do conhecimento*. Lisboa; Portugal. Escolar editora.

Apêndices

Guião de Entrevista para Director de Escola

Caro entrevistado!

Antes de mais nada, receba as minhas saudações, sou **Lorito Rafael Esteves**, estudante do 4º ano, do curso de licenciatura em Ciências de Educação em especialização em Psicopedagogia, na Faculdade de Educação e Comunicação da Universidade Católica de Moçambique, o objectivo central da entrevista é de colher informações relacionadas ao tema, **“acompanhamento dos pais e encarregados de educação no PEA de alunos com deficiências auditivas”**.

Assim, os resultados colhidos serão compilados em forma de monografia a ser apresentados no Departamento de Educação - Faculdade de Educação e Comunicação. Por isso, a vossa colaboração será o sucesso do meu trabalho académico. E assim se me permite, responda o seguinte:

1. O que entendes por estratégias de ensino?

2. Quais são as estratégias de ensino que conheces?

3. Quais são as actividades que a escola responsabiliza os pais?

4. Qual tem sido o nível de acompanhamento dos encarregados de educação no PEA de aluno com deficiências auditivas?

5. Quais são os mecanismos adoptado para incentivar os encarregados de educação a envolver se no acompanhamento de PEA dos alunos com deficiências auditivas?

Guião de entrevista para Director Adjunto Pedagógico de Escola

Caro entrevistado!

Antes de mais nada, receba as minhas saudações, sou **Lorito Rafael Esteves**, estudante do 4º ano, do curso de licenciatura em Ciências de Educação em especialização em Psicopedagogia, na Faculdade de Educação e Comunicação da Universidade Católica de Moçambique, o objectivo central da entrevista é de colher informações relacionadas ao tema, **“acompanhamento dos pais e encarregados de educação no PEA de alunos com deficiências auditivas”**.

Assim, os resultados colhidos serão compilados em forma de monografia a ser apresentados no Departamento de Educação - Faculdade de Educação e Comunicação. Por isso, a vossa colaboração será o sucesso do meu trabalho académico. E assim se me permite, responda o seguinte:

1. O que entendes por estratégias de ensino?

2. Quais são as estratégias de ensino que conheces?

3. Quais são as actividades que a escola responsabiliza os pais?

4. Qual tem sido o nível de acompanhamento dos encarregados de educação no PEA de aluno com deficiências auditivas?

5. Quais são os mecanismos adoptado para incentivar os encarregados de educação a envolver se no acompanhamento de PEA dos alunos com deficiências auditivas?

Guião de entrevista para Professores

Caro entrevistado!

Antes de mais nada, receba as minhas saudações, sou **Lorito Rafael Esteves**, estudante do 4º ano, do curso de licenciatura em Ciências de Educação em especialização em Psicopedagogia, na Faculdade de Educação e Comunicação da Universidade Católica de Moçambique, o objectivo central da entrevista é de colher informações relacionadas ao tema, “acompanhamento dos pais e encarregados de educação no PEA de alunos com deficiências auditivas”.

Assim, os resultados colhidos serão compilados em forma de monografia a ser apresentados no Departamento de Educação - Faculdade de Educação e Comunicação. Por isso, a vossa colaboração será o sucesso do meu trabalho académico. E assim se me permite, responda o seguinte:

1. O que entendes por estratégias de ensino?

2. Quais são as estratégias de ensino que conheces?

3. Quais são as formas de acompanhamento de crianças com deficiências auditivas?

4. Quais são as actividades que a escola responsabiliza os pais?

5. Qual tem sido o nível de acompanhamento dos encarregados de educação no PEA de aluno com deficiências auditivas?

6. Quais são os mecanismos adoptado para incentivar os encarregados de educação a envolver se no acompanhamento de PEA dos alunos com deficiências auditivas?

Guião de entrevista para Encarregado de Educação

Caro entrevistado!

Antes de mais nada, receba as minhas saudações, sou **Lorito Rafael Esteves**, estudante do 4º ano, do curso de licenciatura em Ciências de Educação em especialização em Psicopedagogia, na Faculdade de Educação e Comunicação da Universidade Católica de Moçambique, o objectivo central da entrevista é de colher informações relacionadas ao tema, “acompanhamento dos pais e encarregados de educação no PEA de alunos com deficiências auditivas”.

Assim, os resultados colhidos serão compilados em forma de monografia a ser apresentados no Departamento de Educação - Faculdade de Educação e Comunicação. Por isso, a vossa colaboração será o sucesso do meu trabalho acadêmico. E assim se me permite, responda o seguinte:

- 1. Tens feito o acompanhamento do PEA do seu educando com deficiências auditivas?**

- 2. Como tens feito o acompanhamento do PEA do seu educando?**

- 3. Qual e a importância do acompanhamento pedagógico na escolarização do seu educando com deficiências auditivas**
